

O que não pode ser elaborado do corpo feminino retorna sob a forma da prostituição?

What cannot be elaborated from the female body
returns in the form of prostitution?

¿Lo que no puede elaborarse del cuerpo femenino
retorna en forma de prostitución?

Christiana Paiva de Oliveira

<https://doi.org/10.20396/proa.v15i00.20020>

PROA

revista de antropologia e arte

dossiê

volume 15 | e025020



El artículo analiza la prostitución femenina desde una perspectiva psicoanalítica, histórica y social, articulando género, sexualidad y estigma. La investigación, vinculada a un doctorado actualmente en curso en la USP, se basa en entrevistas con siete mujeres cis y trans que ejercen la prostitución, en las que se discuten sus narrativas a la luz de autoras feministas prostitutas, como Monique Prada y Melissa Gira Grant, y de marcos psicoanalíticos freudianos y contemporáneos. El estudio destaca cómo la sociedad construye la división de la feminidad, reduciendo a las mujeres al binomio virgen/prostituta, y cómo el cuerpo femenino, históricamente controlado por el patriarcado y la moral cristiana, regresa como un acto subversivo a través de la prostitución. La estigmatización de esta actividad revela la dificultad social de elaborar la sexualidad femenina, a menudo reprimida y transformada en objeto de violencia simbólica y concreta. Las declaraciones de las entrevistadas demuestran contradicciones entre el deseo, la moral y el poder, exponiendo el papel de la prostitución como espacio de resistencia y apoyo paradójico a la institución del matrimonio. Se concluye que abordar la prostitución es esencial para deconstruir estigmas, repensar los valores sociales sobre la sexualidad femenina y visibilizar el retorno de lo reprimido a la sociedad, ya que “lo que no se puede elaborar del cuerpo femenino regresa en forma de prostitución”.

Palabras clave: Prostitución; Psicoanálisis; Género; Sexualidad femenina; Feminismo de la puta.



O que não pode ser elaborado do corpo feminino retorna sob a forma da prostituição?

Christiana Paiva de Oliveira

 <https://orcid.org/0000-0001-7344-0742>

chhriiss@hotmail.com

Doutoranda em Psicologia

Universidade de São Paulo

“A beleza será convulsiva ou não será”

André Breton (1928)

Introdução

O presente texto se baseia na pesquisa de doutorado em andamento pela Universidade de São Paulo (USP) desde 2022, intitulada *Psicanálise e prostituição: Como desnudar os entraves da sexualidade nas mulheres?*. Nela, foram entrevistadas 7 mulheres cis e transgênero que trabalham com sexo pago. Para o desenvolvimento desse artigo será utilizado o recorte da fala de algumas trabalhadoras.

Tem sido uma *puta* experiência poder trabalhar com o tema da prostituição: ele nos convida a furar bolhas narcísicas e se despir de moralismos conservadores para se aproximar da realidade da temática, pulsando de maneira desafiadora. Há uma necessidade de reparação histórica com a classe das prostitutas: perseguidas — no sentido de condenação e desejo —, visadas e desdenhadas, principalmente após a instituição do casamento monogâmico. A monogamia, por excelência, instaura uma ordem repressiva acerca do desejo sexual, como se apenas uma pessoa fosse capaz de satisfazer a amplitude pulsional de outra — falhando miseravelmente. Em psicanálise, a primazia da realização do desejo é pautada na satisfação, sendo o objeto causa de desejo como uma ponte possibilitadora da realização, que nunca é plena. Assim, é possível indagar o quanto a permanência em um casamento monogâmico é capaz de contemplar a dimensão pulsional presente nos sujeitos, levantando demandas ligadas ao desejo em conjunto com questões de gênero. Temos que no século XIX:

O próprio casamento burguês, que valorizava a virgindade das jovens e a fidelidade das esposas, criaria nos homens da burguesia uma forte demanda sexual que não seria satisfeita dentro de sua própria classe. Em consequência disso, as mulheres da classe proletária seriam recrutadas — devido às pressões dos baixos salários — como prostitutas, com a finalidade de satisfazer a essa demanda. Dessa forma, o capital aumentaria seus lucros, com a redução dos custos de produção e, impor a prostituição a grande número de operárias (Silvia, 2014, p. 109).

Logo, promover um casamento e mantê-lo estruturado exige a produção de capital (principalmente do homem que trabalha fora) e, portanto, lucro ao sistema — fato que reforça a exigência social pelo matrimônio. Ao mesmo tempo, a restrição de empregos destinados às mulheres, o trabalho doméstico não pago a elas e a demanda sexual dos homens as conduziam economicamente para tal atividade em busca de emancipação econômica e, quem sabe, pessoal.

Virginie Despentes, ex-prostituta e autora de obras feministas, se posiciona de maneira enfática ao destacar o moralismo do casamento como articulador de repressões tanto à mulher quanto ao homem, trazendo, por um lado a prostituição como resistência ao machismo, na qual a mulher não usaria o sexo da forma como foi domesticada a fazê-lo; por outro, denuncia as contradições paradoxais da sociedade, que hipocritamente discrimina e agride a prostituta ao mesmo tempo em que libera o homem para buscá-la, tornando-o imune a julgamentos ou violências (Despentes, 2016). Ainda, aponta que a mulher não possui liberdade para relacionar-se com seu corpo ou o direito de fazer sexo, tampouco a possibilidade de cobrar por quem o acessa, gerando disparidades e configurando-se em relações de poder.

Desse modo, a prostituição é buscada silenciosamente no campo íntimo das relações conjugais, em especial pelos homens, ocupando o lugar de uma válvula de escape libidinal acerca do que o casamento não contempla, seja de maneira afetiva ou sexual. A fala de uma das entrevistadas destaca-se por esse viés:

A.: Né, eu acho que 90%, se não mais, são casados. Solteiro tem, eu já saí com gente solteira, mas assim, menininho novo que vai lá com 18, 19 anos fazendo aniversário, quer ir lá para conhecer e sai. Mas a maior parte é tudo casado. (...) E aí dizem “Ai, minha esposa não se arruma mais para mim. Minha esposa é muito chata na cama, não quer fazer isso, quer fazer aquilo. Minha esposa está cansada. Minha esposa, depois que teve filho, não é mais a mesma no sexo”. E tem e tem muita, é muito (Entrevista concedida por A, em 19 de setembro de 2023).

Observamos na fala de A. a sua percepção acerca da contratação dos serviços por homens casados. A crítica dos clientes sobre as esposas, em especial a restrição sexual e o cansaço recaem tanto no que Freud (1908) já havia denunciado sobre a hipocrisia da sociedade vienense, que se por um lado proibia se falar abertamente sobre sexualidade, por outro exigia que as mulheres tivessem grande performance na noite de núpcias — contradição proposta por uma moral sexual civilizada, produtora de sintomas e sofrimento à população da época, tão presente nos tempos atuais. Somado a isso, temos que desvalorizar a mulher através de seus feitos, incluindo a invisibilização do trabalho doméstico e a exigência sexual no casamento são estratégias usadas no controle das mulheres pelo patriarcado. Em entrevista, Federici (2019) afirma:

Não importa o quão cansada esteja, se é casada e seu marido quer fazer sexo, muitas de nós faremos sexo. Se dissermos não, muitas vezes eles nos obrigam. Quantas mulheres têm o poder de dizer “eu não tive um orgasmo”? A mulher tem de fazer sexo mesmo que esteja cansada e tem de fingir que está gostando. Milhões de mulheres mentem porque o homem quer ficar satisfeito. As mulheres da minha geração, sempre mentimos [sobre orgasmo], queríamos que acabasse logo, tínhamos grandes expectativas,

mas a realidade não era o que esperávamos. O sexo é parte do trabalho, ele se torna uma tarefa. Dar prazer ao homem, fazê-lo feliz. O que eles chamam de amor, nós chamamos de trabalho não pago (Frederici, 2019, s. p.).

Logo, tanto o psicanalista quanto a filósofa contribuem com a visão de que o modelo conjugal traduzem a falência dos modelos sociais vigentes. Acerca da temática, outra entrevistada atesta:

S.: É isso que elas pensam, que a gente quer tomar o marido delas, que a gente vai de alguma forma invadir o espaço delas. Sabe, estou falando das mulheres porque é isso, né? Os homens também têm, sabe? Eles gostam muito assim. Não que eles tenham que nos apresentar para ninguém, mas eles também têm essa reserva, né? Mas as mulheres têm mais, sabe? (...) Sim, elas nos veem assim, algumas nos veem até como rivais. E nós não somos e nunca fomos rivais das mulheres casadas, sabe? Ao contrário, se elas souberem que nós somos apoiadoras do casamento (Entrevista concedida por S, em 25 de setembro de 2023).

Na fala de S., é possível observar a presença da rivalidade feminina¹ como estratégia utilizada pelo patriarcado para dissolver a articulação política das mulheres enquanto grupo unificado, que luta politicamente contra métodos de dominação masculina (Frederici, 2017). Sabemos que a preocupação com a eliminação de inimigos impossibilita a união entre as partes que se ameaçam, mesmo imaginariamente (Freud, 1921); a opressão patriarcal fica deslocada para a figura das mulheres que afrontam por poder tomar os maridos uma das outras. O que antes poderia ser o opressor, torna-se troféu a ser preservado da atemorização de perda ou roubo frente a sedução da bruxa sexualizada².

A prostituição revela-se como um extenso espaço de dinâmicas complexas, trabalhado por autoras putativistas como Monique Prada, Natânia Lopes, Lourdes Barreto e Amara Moira. Nesse sentido, nota-se que são mulheres desejadas sexualmente, mas não moralmente. Por essa via, ao debater a prostituição penetramos camadas impostas pelo *Cistema*³, entrelaçando patriarcado e capitalismo. Assim, temos a possibilidade de desafiar a rigidez, desigualdade e contradições que essas estruturas sustentam. Frente a isso, é válida uma pergunta dispa-radora: *uma mulher pode falar sobre sexualidade feminina ou prostituição sem ser considerada puta?*

1 A pesquisadora Adriely Clarindo Cattani defendeu recentemente (abril de 2025) na Unicamp a tese intitulada “PUTA NÃO TEM AMIGA?” *Afetos, Conflitos e o Imperativo de Inimizade nas Políticas da Prostituição Feminina*. O trabalho conta com a análise etnográfica na prostituição de luxo para explorar as relações entre as trabalhadoras sexuais, concluindo que as relações de amizade e inimizade no campo ajudam a negociar o lugar na prostituição, além de possibilitar o fortalecimento de coletivos que desafiam normas e as reproduzem de diferentes maneiras. Assim, as relações de amizade entre as garotas sustentavam a prática laboral e auxiliavam no manejo dos desafios cotidianos ligados à profissão.

2 Discussão presente em O Calibã e a Bruxa de Federici (2017), na qual as mulheres eram condenadas pela inquisição por conta de seus conhecimentos e sexualidade, a fim de terem seus corpos controlados em prol do projeto capitalista e patriarcal.

3 Termo utilizado por Medrado (2023) no artigo intitulado *A “autorização” do corpo Cis: reflexões sobre o direito de ser e de estar na sociedade*. Em suas palavras ““Cistema”, aqui, faz referência ao neologismo que representa a união de “Sistema” mais “Cisnormativo”, ou seja, um sistema cisnormativo. Termo presente na fala de pesquisadoras travestis, que aqui tomo emprestado. O termo é utilizado, por exemplo, já na apresentação do livro Transfeminismo (Nascimento, 2021, p. 14), no entanto, a autora grifa como “CISstema”, enquanto no presente trabalho eu grifo como “Cistema””. O termo também foi popularizado por Viviane Vergueiro em sua dissertação “Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade” (2016).

Desenvolvimento

Para a realização do trabalho de pesquisa, havia o intuito de entrevistar profissionais do sexo, a fim de elaborar uma escrita mais condizente com a proposta. Assim, deu-se início à busca por profissionais, inclusive através de pessoas próximas. Colegas e familiares foram indagados sobre o contato de garotas de programa, gerando reações das mais diversas, e que acentuam os entraves ligados à sexualidade feminina quando associada à prostituição: piadas ou risadas que desdenhavam do tema, ou duvidavam do objeto de pesquisa; pessoas que se sentiram ofendidas com a pergunta; sugestões para estudar um outro tema “menos pesado”; desconversa sobre o assunto; curiosidade e, finalmente, a grande questão “porque você quer estudar prostituição, você é puta?”. Ou seja, só é possível discutir sobre a densidade do campo sexual pago e seus múltiplos desdobramentos se a pesquisadora o viver em primeira pessoa? Tal questionamento conduziu à reflexão de que toda mulher ao longo da vida já foi colocada no lugar de puta, ainda mais por se interessar por um tema paradoxalmente pouco feminino, ao mesmo tempo em que é relacionado ao auge da sexualidade feminina. Logo, a mulher torna-se alvo de perseguição e questionamento, e mais ainda sua sexualidade. Conforme aponta Nolasco (1990) a figura da mulher torna-se central na trama patriarcal:

Através da iniciação sexual, a mulher representa aquela que atesta a virilidade de um homem e o introduz, publicamente, na ordem social como homem. Em um segundo momento, ela é a responsável pela atualização da identidade do desejo do homem, tanto que ocupa o lugar de prostituta, de esposa, ou de mãe (Nolasco, 1990, p. 68).

No contexto brasileiro, temos a mulher ocupando três possíveis posições no ditado popular “A branca para casar, a mulata para fornicar e a negra para trabalhar”. Ou seja, a branca contempla o lugar da esposa e a mulher negra assume a posição de empregada doméstica, babá e/ou sexualizada⁴.

Assim sendo, é urgente inquirir o porquê da exuberância ou da falta de sexualidade nas mulheres gerar tanta polêmica. Cabe resgatar o apontamento da *putativista* Monique Prada (2018), defendendo que a sexualidade da freira e da prostituta, em especial, são sempre debatidas e estigmatizadas; uma por sua suposta escassez, e a outra por sua suposta excedência, sendo ambas profissões que não servem a um marido.

Nota-se que socialmente poucos sabem sobre a prostituição, mas muitos tem algo a dizer — fato que mantém a profissão no estigma e marginalidade, reproduzindo a repressão sobre a sexualidade das mulheres ao longo da história narrada pelo patriarcado. Assim, debater prostituição possibilita o desnudamento da sociedade em seus sistemas mais arcaicos, entrelaçando moralidades sustentadas pela religiosidade, machismo, capitalismo e entraves políticos. Um tema que abarca tantas potências precisa ser desmoralizado para que não se rompa com os (não) ditos sustentadores do que tais estruturas pregam.

4 Lélia Gonzalez (1984) discute amplamente tal perspectiva no artigo *Racismo e sexismo na cultura brasileira*.

O referencial religioso cristão pauta a figura da mulher na história, seja como a santa virgem que dá à luz ou como a puta Madalena, que não era prostituta⁵, ou, ainda, como a bruxa demoníaca a ser queimada (de vergonha) na fogueira da inquisição (moral) (Scott, 1995; Federici, 2017; Prada, 2018), evidenciando que há uma cisão presente ao tratarmos do feminino. Logo, a sexualidade das mulheres é tão impactante que com frequência é nomeada como maldição — as mal-ditas bruxas apontadas por Federici (2017) em *O Calibã e a Bruxa*.

No livro *Couro Imperial*, McClintock (2010) afirma que, na narrativa patriarcal, a virgem é apontada como aquela que não possui desejos ou atuação sexual enquanto estratégia para a dominação masculina ocorrer de forma violenta. Entretanto, seria impossível uma existência que não se paute no desejo⁶, sendo o desejo a marca primordial que nos diferencia enquanto sujeitos. Logo, as mulheres que rompem com as normas impostas e ousam ser sujeitos, são perseguidas e violentadas, tendo seus direitos ceifados.

No livro *Dando uma de puta* Grant (2021) questiona os ativistas antiprostituição:

As prostitutas, em sua imaginação, se tornaram os objetos mudos aos quais os homens as reduzem. Elas são, aparentemente, diferentes de todas as outras mulheres que enfrentam objetificação, mas que retêm a habilidade de se expressar e se movimentar pelo mundo independentemente. As profissionais do sexo sabem que são objetificadas; elas também caminham pelo mundo como mulheres [...] (Grant, 2021, p. 120).

Nesse sentido, há uma violência implicada no fato de a sociedade assumir um posicionamento tirânico ao determinar o lugar da puta como sintomático no social, calando-lhes a voz. Como crítica à visão antiprostituição apresentada a autora contrapõe dizendo:

É objetificação também quando os “apoiadores” representam as profissionais do sexo como degradadas, como vítimas, como um objeto, uma lição excitante, o que faz com que as profissionais do sexo fiquem completamente invisíveis. Sua capacidade de travar relações sociais são ignoradas, e suas vidas são compreendidas como organizadas inteiramente em volta do que outros chamam de disponibilidade sexual – e que as profissionais do sexo chamam de trabalho. (Grant, 2021, p. 121).

Logo, uma das grandes violências atribuídas à prostituição se traduz na estigmatização da profissão, que produz um saber adoecedor que determina e enrijece o lugar ocupado por tais mulheres na sociedade — afastando qualquer outra possibilidade de relação com a profissão, estagnando-a no não dito invisível que a mantém na marginalidade do saber. Diante da invisibilidade, quem ganha o protagonismo é o discurso vigente, salpicado pelo poder conservador patriarcal que aliena as mulheres sobre a realidade social e sexual que as produz. Além disso, a autora destaca os ativistas antipornografia que defendem a causa da proibição com grande excitação, sendo este um modo de descarregar o tédio gerado pela temática — paralelo que pode ser traçado com a prostituição.

5 A vasta história de Maria Madalena nos revela uma mulher que não era vinculada a nenhum homem e, também, era invejada pelos demais homens por ser a confidente principal de Jesus, além de ser dotada de grande conhecimento.

6 O desejo viria como motor de nossas moções pulsionais, mobilizando a busca pela satisfação e revelando nossos conteúdos inconscientes. Os desejos contemplam a história subjetiva dos sujeitos, mas por não serem passíveis de realização completa acabam por motivar constantemente a procura por objetos que os satisfaçam.

O que a proibição e não ditos sustentam? Afinal, o que não pode ser dito vive no aprisionamento de algo previamente ditado. Existe voz sem palavra, mas em psicanálise muito trabalhamos para dar palavras à voz⁷, mesmo sabendo que nem tudo a palavra alcança. Durante a pesquisa, foram encontrados muitos nomes ligados à prostituição e a mudança de nome próprio que as prostitutas se dão — modificação atrelada ao campo laboral como forma de preservar a identidade e proteger de estigmas e violências. Dos muitos nomes atribuídos a essas mulheres destacam-se: *puta, prostituta, garota de programa, vadia, vagabunda, prima, mulher da vida, dama da noite, quenga, piranha*. A lista é extensa, e, no entanto, o excesso de nomes denuncia o tabu — entre o desejo e a proibição — relacionado a falta de voz das trabalhadoras, reduzidas a uma função sexual moralizada pela sociedade.

Nesse contexto é válido resgatar a etimologia da palavra prostituição: se mostrar, se colocar à frente (Proença, 2022). Já *puta*, em sua origem italiana, significa *donzella*, moça honesta, mas “no âmbito dos insultos, a própria palavra é recorrente para desqualificar as aventuras românticas da mulher, diferente do que acontece com o homem, cuja figura entra em destaque por suas conquistas” (s. p.)⁸.

Em Grant (2021) encontramos o referencial de que a palavra *prostitute* entrou para a língua inglesa no século XVI, sendo um verbo relativo a colocar algo à venda. Entretanto, a história relacionada ao termo foi ganhando conotação de identidade, enquanto categoria de comportamento a ser controlado pela lei por representar um desvio da norma.

Foi o século XIX que nos trouxe a figura da prostituta, que hoje entendemos ser um produto da instituição que veio a ser chamada prostituição, mas que na verdade nasceu de algo mais amplo. [...] A expressão “whoring” se referia a relações sexuais extraconjugais e tinha a conotação de imoralidade e promiscuidade sem o envolvimento de dinheiro, e a palavra “whore” era usada para marcar qualquer mulher que passava dos limites de respeitabilidade da época (Grant, 2021, p. 34-25).

Além do exposto, o debate pretende evidenciar que estamos diante de uma *puta* profissão, sustentadora de casamentos ao mesmo tempo em que é acusada de destruí-los, sendo uma *profissão da paradoxalidade* — aspecto que foi trazido pelas falas de A. e S., entrevistadas para a pesquisa de doutorado, supracitadas no presente artigo. A. afirma de maneira irônica que para a sociedade tudo bem o homem trair a esposa, mas fica proibido à mulher cobrar por sexo. R., outra entrevistada, também levanta essa crítica, contando sobre como se sentia antes de trabalhar com prostituição e como enxerga o incômodo que sua profissão causa na sociedade:

7 Os conteúdos que não são narrados pela consciência e permanecem barrados no inconsciente podem se tornar sintomas adoecedores aos sujeitos. Desde seu desenvolvimento enquanto método analítico a psicanálise é reconhecida, inclusive por suas pacientes, enquanto ferramenta que trata do sofrimento psíquico. Anna O., uma das primeiras pacientes a ser estudada por Freud e Breuer, afirma que vivenciou seu processo como uma espécie de “limpeza de chaminé” e, também, de “cura pela fala” (FREUD, 1910/1969). Tal caracterização se deu após sucessivos encontros analíticos em conjunto ao alívio dos sintomas de Anna, que vivenciava em seu corpo a potência da memória sem voz. Seus conteúdos diziam respeito a uma série de conflitos psíquicos, que exaltavam o embate entre a exigência de satisfação pulsional versus a instância repressora, culminando a não realização de desejos e seu ocultamento – elementos revelados pouco a pouco na relação entre paciente e terapeuta via transferência, traduzindo as expressões sintomática no encontro entre dois sujeitos do inconsciente.

8 Disponível em < <https://etimologia.com.br/puta/> > Acesso em 02 de junho de 2024.

R.: Daí o cara paga e você se sente na obrigação de transar com ele, porque ele bancou a noite toda. Entende? Eu me sentia, na verdade, nessa obrigação quando era adolescente. E não foi porque a minha mãe chegou e falou isso para mim, mas o toda a sociedade ao meu redor passava essa impressão, entendeu? Que eu precisava dar em troca, sabe? Na real, minha mãe uma vez me disse, quem come paga. Eu acho que é bem isso que ela quis dizer mesmo. Enfim. (...) Mas a sociedade não vê isso como uma venda e, na real? Ser garota de programa eu acho que só é mal-visto porque finalmente a mulher está colocando o preço que ela quer nela mesma, sabe? A partir do momento que o cara está pagando quantas bebidas ele quer para comer a mulher no final do dia, está tudo bem ela se vender, entendeu? (Entrevista concedida por R, em 18 de setembro de 2023).

Além do exposto, muitos homens se utilizam da prostituição para reafirmar sua masculinidade. Prada (2018) nos lembra que os homens frequentam as casas de prostituição porque elas reproduzem o ambiente doméstico, no qual as mulheres estão disponíveis para cuidar dos homens e estes podem atestar sua virilidade aos demais presentes, como um clube que espelha a dominância “fálhica”⁹.

Conforme Ceccarelli (2008) nos traz:

Seja como for, refletir sobre a prostituição é aprofundar o debate sobre as relações entre homens e mulheres, o que não pode ser feito sem levar em conta as questões ligadas à posição subjetiva da mulher na sociedade, em particular a da prostituta, e a hegemonia do discurso masculino dominante (Ceccarelli, 2008, p. 10).

Entretanto, nota-se que o entendimento da prostituição como uma profissão “como qualquer outra” não a torna aceitável moralmente pela sociedade vigente, que muito repudia o lugar da mulher sexualizada, em especial a prostituída. Tal fato acarreta a manutenção do segredo sobre a profissão e em culpa, observada nos dizeres de C., também entrevistada para a presente pesquisa: conta que quando conseguia arrumar um programa dentro da igreja da Sé no centro de São Paulo era tomada por grande culpa e, para amenizá-la, depositava metade do cachê na caixinha do altar. Em outras palavras, podemos nos questionar: *quais valores sustentam a moralidade e amenizam a culpa?*

Segundo Rieck (2022), as prostitutas encarnariam o que está recalcado¹⁰ em nós, encenando fantasias entre quatro paredes. O material recalcado é proibido na consciência, mas não deixa de existir em nosso universo psíquico. Nesse sentido, para viver o recalque é necessário habitar outro nome, que disponibilize outra lógica corporal? Afinal, além de todas as trabalhadoras entrevistadas utilizarem outro nome para sua atuação profissional (exceto uma), é majoritária tal prática entre essas mulheres — inclusive, sendo utilizado o termo “nome de guerra” ou “nome de batalha”, presente no recém-lançado *Enigmas do nome próprio*, livro de Rieck. Contra o quê essas mulheres estariam batalhando? Como isso dialoga com os ideais de gênero sustentados pelo patriarcado e nos contam sobre o lugar da sexualidade feminina na sociedade?

9 Junção das palavras “falo” e “falho”, aludindo a um falo falho.

10 O material recalcado contempla os conteúdos que não são aceitos pela consciência, contendo os desejos inconscientes que nos habitam e nos movem. Por pertencer ao inconsciente, o material recalcado não desaparece, retornando em fantasias, sonhos, sintomas, atos falhos e chistes.

A existência de um outro nome para essas mulheres exercerem sua profissão torna evidente a ideia da cisão do feminino. Ou seja, não ocorre apenas uma cisão entre a virgem e a puta, mas há também uma cisão incidente sobre a própria figura da prostituta, denunciada por Prada (2018), sugerindo que as prostitutas deveriam ser vistas como sujeito e não como objeto, afinal são constantemente vistas de forma cindida: da cintura para baixo e não de corpo inteiro¹¹. Além disso, a cisão entre a virgem e a puta revela que a primeira pare uma procriação asséptica ou sublime, e a segunda pulsaria um sexo infértil, destinada aos prazeres carnavais. Ou seja, o termo “filho da puta” revela a sexualidade não regulamentada pelo marido ou pela igreja, rompendo e exaltando a cisão do tabu sobre a mulher que tem desejo¹². Ainda, o próprio órgão sexual feminino é cindido entre a vagina e o clitóris; a vagina atrelada à reprodução e o clitóris ao prazer, como se a totalidade da vulva escapasse à completude atrelada ao falo.

Entretanto, questiona-se: a mulher pode ser vista de corpo inteiro na sociedade, sem correr o risco de sofrer a dita castração discutida pela psicanálise¹³? Afinal, a castração promove o anonimato do próprio sexo, por trazer à tona as fantasias de perda. Podemos dizer que o que não pôde ser elaborado do corpo feminino retorna sob a forma da prostituição? O que há nesse corpo que não pôde ser penetrado? Nesse sentido, ronda uma proibição da vivência do que nos constitui: o sexo. Afinal, todos nascemos de uma relação sexual¹⁴.

Ao lidar com a sexualidade humana, Freud também se propôs a friccionar um debate sobre a distinção anatômica dos sexos e seus efeitos psíquicos. No entanto, ao longo de sua obra nos deparamos com o que Butler (2003) nomeia de heterossexualização do desejo, na qual a anatomia é descrita como destino ou invés de ser pensada como trajetória pulsional a partir da sexualidade perverso polimorfa, mesmo que o autor defenda a bissexualidade psíquica nos primórdios de nossa constituição. Freud pautava sua metapsicologia em observações, mas revela a dificuldade em abordar o tema com as pacientes mulheres. Assim, se grande parte teórica estava organizada em apenas um sexo, o masculino, vemos que seus escritos

11 Em entrevista gravada para a BBC, uma das freiras que acompanha as garotas afirma que a cabeça não quer pensar o que faz com o corpo. Disponível no site da ONG Mulheres da Luz: A vida secreta das prostitutas veteranas que trabalham em parque histórico de São Paulo. Disponível em < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45133657> > Acesso em 03 abr 2023.

12 Lembrando que a atividade da prostituta não se reduz ao ato sexual. Muitas revelam exercer o papel de confidentes, ouvintes ou “psicólogas” (termo utilizado por elas em entrevista) com os clientes, não havendo sexo envolvido na troca.

13 Freud trabalha primariamente o conceito da castração propondo que o menino possui o medo de perder seu pênis como punição por seus desejos incestuosos relativos à mãe. Esse medo se acentuaria pelo fato de concluir que as mulheres sofreram a dita castração do órgão por não possuírem pênis. Por conta disso, segundo o psicanalista as mulheres teriam inveja do pênis. Logo, a castração condiz a uma experiência psíquica de perda ou a imposição de um limite angustiante que introduz o sujeito na cultura por fazê-lo renunciar a seus desejos. Posteriormente o conceito é desenvolvido por Lacan, atribuindo um sentido simbólico ao termo, não se reduzindo ao órgão sexual, mas ao conceito de falo. O falo seria o representante do desejo e da falta, afinal para o psicanalista, somos seres faltantes por excelência e, portanto, castrados.

14 Não considere aqui casos de tecnologias reprodutivas, tema abordado por Preciado (2008) em *Testo Junkie*.

refletiam as marcas de seu tempo arraigadas em seu psiquismo falocêntrico, discriminando as diferenças enigmáticas ao invés de penetrá-las. Logo, a impotência ficou reduzida à figura da mulher, castrada em seus escritos¹⁵.

A obscuridade ou o não dito sobre o sexo encobre a potência da mulher, que fica castrada sob o registro da lacuna fálica em si. Ao não se falar sobre, quais são os rastros fragmentados da existência das mulheres? O pênis pode perder o protagonismo sem desmanchar um homem ou quem o encarna? Afinal, para Abreu (2016) as meninas e mulheres não teriam a necessidade de provar sua feminilidade, diferente da postura dos homens, frequentemente reforçadores da masculinidade e da posse do pênis.

Torok (1995) dedica um capítulo exclusivo na obra *A casca e o núcleo* a respeito da inveja do pênis na mulher. Seu conteúdo critica a unissexualidade freudiana, que atribui a impotência à mulher devido uma visão psicobiologizante, destacando que “(...) sua própria privação é simétrica ao gozo de outrem é comum nos pacientes dos dois sexos e se encontra em todas as análises” (p. 127). Assim, podemos considerar a universalidade da inveja inerente ao humano, não mais reduzida ao legado peniano faltante apenas na mulher. Ainda, a autora aponta que a inveja produz um simulacro de satisfação que não sacia o desejo, mantendo o sujeito na impossibilidade de realização, aprisionado em um circuito de destrutividade. A dita inveja do pênis defendida por Freud oculta o órgão da mulher, como se sua satisfação ocorresse pela presença do pênis e não pela busca do que realmente pode satisfazer seus desejos — em outras palavras, a inveja se pauta no que o outro tem e eu não tenho, diferente do que realmente falta em mim e me contempla. Desse modo, as lentes freudianas leram a voracidade invejosa como desejo, destituindo qualquer possibilidade de ascensão subjetiva do feminino, preconizado à irrealização da destrutividade. Logo, a visão concreta do autor erigiu uma teoria rígida diante da fluidez da pulsão na mulher.

Prada (2018) interroga o que leva a sociedade a ver a prostituta de maneira tão pejorativa:

Mas o que torna a mulher que declaradamente cobra por sexo tão diferente ou, em certo sentido, pior do que a mulher que não cobra? Porque o fato de sabermos que uma mulher cobra por sexo a transforma, repentinamente, num ser execrável e digno de nosso ódio, de nossa pena ou ambos? Como se dá essa construção? (Prada, 2018, p. 76).

Desse modo, não podemos deixar de questionar se o que é repudiado se refere ao trabalho sexual, ou à sexualidade feminina, em um exercício que não seja passivo e ainda por cima seja rentável às mulheres. Afinal, pouco se debate sobre a integridade dos homens que se prostituem.

Por fim, ao prefaciar o livro *Dando uma de puta*, Silva (2021) aponta o pensamento central de Grant (2021):

[...] pensar como se desencadeiam a violência e a brutalidade contra prostitutas com o intuito de salvá-las da comercialização do sexo, como esse discurso retroalimenta o estigma da prostituição e como isso, por sua vez,

15 Apesar desses dizeres é importante destacar a afirmação feita por Birman (2016), referindo que Freud reconhece a positividade do desejo das pacientes histéricas, rompendo assim com a lógica tirânica do saber médico vigente.

justifica a normatização da violência contra as pessoas que vendem sexo. [...] Gira Grant destrincha o emaranhado de significados e preconceitos que servem para justificar a violência do Estado contra essas mulheres, mostrando que ela é muito maior e mais traumática do que as agressões que os clientes perpetram sobre as prostitutas. A construção do estigma de que nenhuma mulher sensata deveria escolher essa profissão e, portanto, aquelas que a escolhem devem ser loucas ou perversas. [...] Melissa também nos convida a pensar sobre como todas as mulheres estão, em maior ou menor grau, sujeitas em algum momento de suas vidas a serem entendidas como putas: basta uma mulher ultrapassar a fronteira daquilo que a sociedade considera moralmente aceitável. Podem ser coisas simples: discordar de um homem, morar sozinha e receber amigos masculinos, até mesmo exercer cargos públicos ou tentar ser presidente da República — tudo isso é digno de puta (Silva, 2021, p. 10-13).

Ou seja, nos moldes apresentados, alguma mulher não é ou já não foi puta? Nesse sentido, debater prostituição é contribuir para uma reconstrução de valores da mulher no social, incluindo sua sexualidade — algo que urge existir, mas por vezes recai no silêncio das palavras ainda por simbolizar. *Afinal, se o próprio corpo que comporta a sexualidade lhe é castrado, proibido, que dirá o mundo?*

Conclusão

Debater o campo da prostituição fricciona uma discussão ampla e complexa, articulada a dinheiro, corpo, sexo, afetos, política e sociedade. Além disso, penetra barreiras morais sustentadas pelo patriarcado e a religiosidade cristã que, se por um lado mobiliza resistências e questionamentos, por outro sinaliza a importância da incidência do tema a fim de contrapor com valores que sustentam violências e reproduzem estigmas, em especial contra mulheres — sejam elas atuantes como putas ou não. Nesse sentido, qualquer desvio imposto pela norma direciona a mulher para o lugar de puta, como uma condenação de sua existência —, tanto que as putavistas lutam pelo uso do termo “puta”, no intuito de valorizar um puta trabalho e diminuir a vergonha de quem atua no campo (Barreto, 2023)

Além disso, há no corpo feminino um valor que não é autorizado à mulher, atuado no consumo do sexo pago. Homens nem sempre pagam somente pelo sexo, há os que pagam para estar com mulheres por justamente essas atestarem sua virilidade no campo social e psíquico, além da troca afetiva buscada na profissão. Tal valor, impagável, está presente na constante fixação sexual direcionada às mulheres, seja condenando sua condição de puta, seja determinando quem é ou deixa de ser, seja controlando e reprimindo a sexualidade na mulher. Ou seja, independentemente de trabalhar com sexo ou não, a disponibilidade do corpo feminino desperta pulsões contraditórias e, ainda, reafirma a passagem de Leclerc (2011): “Eu te desafio a encontrar a diferença entre uma prostituta nua e qualquer outra mulher nua” (*apud* Grant, 2021, p. 33).

Portanto, a questão central que leva o título do artigo “O que não pode ser elaborado do corpo feminino retorna sob a forma da prostituição?” nos remete ao que Freud (1914) articula em seu texto *Recordar, repetir e elaborar*. Nele, encontramos que tudo aquilo que não pode ser

lembrado, e, portanto, dito em palavras, retorna sob o formato de ações, atuando de modo repetido o que não é passível de elaboração justamente por conta da repressão que mantém o conteúdo ocultado. Logo, sendo a sexualidade da mulher um valor sob constante repressão social, atuar como puta revela (e rebela) uma incidência em ato daquilo que pouco é dito e, portanto, elaborado sobre a sexualidade da mulher. Frente a isso, cabe a nós seguirmos debatendo um puta tema, a fim de barreiras morais não sigam estigmatizando e sustentando violência contra as mulheres.

Financiamento: Pesquisa realizada com financiamento da CAPES, por meio de bolsa de doutorado.

Referências

ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Escuta, 1995.

ABREU, Eliane Souto de. Algumas considerações anatômicas e psicodinâmicas sobre a semelhança entre os sexos – a feminilidade primária. **Rêverie - Revista de Psicanálise**. Fortaleza: Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 83-93, 2016.

BARRETO, Lourdes. **Putas autobiografia**. Claraboia Editora, 2023.

BIRMAN, Joel. **Gramáticas do Erotismo**. A feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição – corpo como mercadoria. **Mente & Cérebro – Sexo**, São Paulo, v. 4, edição especial, dez. 2008. Disponível em: https://www.cpaqv.org/socioantrop/corpo_prostituicao.pdf. Acesso em: 30 mar. 2023.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. Tradução de Márcia Bechara. São Paulo: n.1 Edições, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. (Coletivo Sycorax, trad.). São Paulo: Editora Elefante, 2017, 464 p.

FREUD, Sigmund. Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna (1908). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise (1910). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir, elaborar (1914). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GRANT, Melissa Gira. **Dando uma de puta: a luta de classes das profissionais do sexo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

McCLINTOCK, Anne. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

NOLASCO, Sócrates A. A expressão das emoções e o desejo masculino: algumas considerações sobre a identidade masculina. In: **Teologia na ótica da mulher**. Porto Alegre: PUC, 1990. p. 57-73.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018.

RIECK, Maíra Brum. **Enigmas do nome próprio**. Um encontro entre psicanálise e prostituição. Curitiba: Appris, 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Texto original: SCOTT, Joan. *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 8 out. 2023.

SILVA, M. S. A prostituição feminina: um percurso e algumas reflexões. **Revista Crítica de Sociologia e Política**, v. 2, n. 1, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistaterceiromilenio.uenf.br/index.php/rtm/article/view/74/99>. Acesso em: 14 mar. 2023.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2016. Dissertação (Mestrado). Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>. Acesso em: 20 set. 2025.

Submetido em: 29 set. 2024.

Aprovado em: 12 ago. 2025.

Verificado por análise de similaridade do Turnitin.



“O que não pode ser elaborado do corpo feminino retorna sob a forma da prostituição?”, de autoria de Christiana Paiva de Oliveira, está licenciado sob CC BY 4.0.

